Cardeal Ildefonso Schuster

Os Últimos Dias do Regime

O ÚLTIMO ENCONTRO COM MUSSOLINI

Cardeal Ildefonso Schuster

Os Últimos Dias do Regime

O ÚLTIMO ENCONTRO COM MUSSOLINI

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

(25 de abril de 1945)

Ao meio-dia de 25 de abril, o Padre Marinelli dos Barnabitas e o Professor Stocchetti enviaram a mim o Senhor Bruni, marido de uma senhora da família Belgiojoso e na época funcionário da Prefeitura de Milão. Ele fora incumbido de me informar que às 15h Mussolini viria me ver[1] e, portanto, desejava que eu providenciasse para ele se encontrar com o General Cadorna e o Senhor Marazza.

À hora marcada, o Duce chegou. Ele foi imediatamente admitido e acompanhado pelos secretários. Entrou na sala de recepção com um rosto tão completamente abatido que me deu a impressão de um homem quase atordoado por um imenso infortúnio.

Recebi-o com caridade episcopal, *satis episcopaliter*, como Agostinho disse de Santo Ambrósio, enquanto aguardava a chegada das pessoas que ele havia solicitado. Procurei levantar seu ânimo, iniciando imediatamente um pouco de conversa.

Comecei assegurando-lhe que eu apreciava muito seu sacrifício pessoal, ou seja, que, ao iniciar a capitulação, ele estava preparado para começar uma vida de expiação na prisão ou no exílio, se isso ao menos salvasse o resto da Itália da ruína final. Assegurei-lhe que, pelo menos, os homens honestos reconheceriam o valor de seu ato final.

Não quis enganá-lo. Então, como eu havia lhe lembrado a queda de Napoleão, Mussolini observou que para ele também o seu segundo império de cem dias estava prestes a expirar. Nada mais lhe restava a não ser encarar seu destino com resignação, como Bonaparte.

Assegurei-lhe que a Igreja na Itália não se esqueceria do que ele havia prometido fazer com a Concordata de Latrão; se isso não tinha dado todo o fruto esperado, o de dar a Itália a Deus e Deus à Itália, isso se devia em

1 Alguns dias antes, Mussolini havia me enviado um recado de que receberia muito alegremente uma visita minha na Prefeitura. Recusei o convite, respondendo que não tinha nada a dizer. Durante todo o meu episcopado, sempre me abstenho de ir a qualquer lugar para pagar uma visita ao Duce, apesar das pressões e ameaças de todos os lados. Em uma ocasião recebi o Duce em uma sala da Ambrosiana; em outras ocasiões, na Sacristia da Catedral. Sempre tratei o Duce como um bispo deveria, mas me recusei a ir à Prefeitura para pagar-lhe uma visita de homenagem, porque o protocolo do cardeal, explicitamente reconhecido pela Concordata, o proibia.

grande parte ao infortúnio de ter sido grandemente traído por muitos de seus próprios hierarcas. Eu já havia feito com que isso lhe fosse dito por seu irmão Arnaldo ainda em junho de 1931.

"Infelizmente," disse Mussolini, "os homens sempre chegam a se conhecer tarde demais!"

"De fato," respondi, "a arte mais difícil é a de conhecer os homens. Eles nunca se conhecem bem, nunca."

Continuando então no assunto de sua política eclesiástica nos tempos recentes, ele insistiu muito em se desculpar perante mim, declarando-se alheio a ela, chegando mesmo a afirmar que havia resistido ao movimento anticlerical promovido pela Cruzada Italiana. *"Além disso,"* acrescentou, *"eu sempre resisti, mesmo quando outros tentaram me incitar a medidas hostis à Igreja e em oposição aos termos sancionados pela Concordata."*

Deixei aquele assunto de lado, porque não me pareceu o momento certo para iniciar uma discussão; ainda mais pois ele já havia anteriormente me feito saber que considerava a si mesmo, Mussolini, pessoalmente responsável por tudo.

Continuando a conversa e vendo-o tão abatido, pensei que ele apreciaria uma palavra de conforto. Ele cortesmente aceitou o pequeno aforismo alquímico que lhe disse: *"Todo infortúnio, todo mal pode ser transformado em bem."*

Então, recordando a destruição da Abadia de Monte Cassino, eu lhe disse que havia sentido a mesma profunda mágoa que o próprio São Bento deve ter sentido quando recebeu o Rei Totila em Monte Cassino. Retomando esse ponto, perguntei ao Duce se ele conhecia a minha história recente de São Bento. Ele respondeu que não.

Em seguida, ofereci-lhe o último exemplar que ainda possuía, recomendando que o guardasse, pois poderia trazer-lhe consolo nos dias sombrios que agora se avistavam no seu horizonte. Exortei-o a considerar o seu Calvário como a expiação de suas faltas perante Deus, justo e misericordioso.

Ele pareceu comovido e, em um momento de rendição confidencial, apertou minha mão com devoção. Então passamos a falar de Monte Cassino e de sua destruição. Continuando no tema religioso, ele me confidenciou que, quando foi prisioneiro em Maddalena, um bom padre de Pansania havia se empenhado em começar sua reeducação na prática da fé católica. Ele já estava bem adiantado, e até mesmo havia decidido que no dia seguinte ele assistiria à Santa Missa; mas justamente naquele dia ele foi levado. Durante aquele encarceramento, o Duce meditou profundamente sobre *A Vida de Cristo* de Ricciotti.

Deve-se portanto supor que Mussolini estava agora inclinado a um sentimento religioso, como de fato a educação que recebeu em seus primeiros anos de sua mãe Rosa o havia conduzido.

Então lembrei-lhe que Napoleão, quando se encontrou em Santa Helena, buscou seu consolo na fé de seus antepassados. Pio VII foi tão generoso com ele que, depois de ter apoiado sua causa junto à Inglaterra, enviou a Santa Helena um padre, o Abbé Vignali, para que pudesse confortá-lo e servir como seu capelão naquela solidão.

Disse a Mussolini que ele também, de qualquer forma, deveria recorrer livremente à Santa Sé, que de todas as maneiras possíveis buscaria ajudá-lo. Ofereci-me, se necessário, para servir de intermediário.

A conversa já tinha durado cerca de uma hora, e o General Cadorna e o Senhor Marazza ainda não haviam chegado. Por um momento, saí até a antessala para me certificar; depois, voltei à sala de recepção e pedi a Mussolini que aguardasse mais alguns minutos. Soube depois que, nesse ínterim, o C.L.N.A.I. havia se reunido para decidir se e como o General Cadorna deveria responder ao convite de Mussolini.

A conversa foi retomada, mas meu interlocutor parecia extremamente cansado.

Mais uma vez, implorei que ele poupasse a Itália de um massacre inútil e que aceitasse a capitulação honrosa que lhe havia sido assegurada.

Ele respondeu que seu plano compreendia duas partes e dois estágios separados. Primeiro, no dia seguinte, o exército e a milícia republicana

seriam dissolvidos; depois, ele se retiraria para a Valtellina com um bando de três mil Camisas Negras.

"Então," respondi, *"o senhor pretende continuar a guerra nas montanhas?"* O Duce assegurou-me: *"Por mais algum tempo, mas depois me renderei."*

Apontei-lhe: *"Não se iluda, Duce; eu sei que os Camisas Negras que o seguirão não são três mil, mas apenas trezentos, independentemente do que as pessoas possam dizer."* Ele respondeu com um sorriso: *"Talvez um pouco mais, mas não muitos. Não tenho ilusões."*

Vendo-o absolutamente resoluto naquela determinação, não pressionei o assunto adiante.

A conversa — ainda enquanto aguardávamos a chegada do General Cadorna e do Senhor Marazza — foi retomada com um senso de cansaço. O Duce não estava nem um pouco excitado; parecia antes um homem sem força de vontade, indo ao encontro de seu destino sem reação.

Então falamos da atitude firme do clero do Norte da Itália contra a guerra e da influência que eles exerciam sobre o povo. Ele me perguntou a razão pela qual o clero do Norte da Itália e da Lombardia vivia em condições mais prósperas, exercia maior influência sobre a população e se mostrava superior ao de outras regiões da Itália.

Então expliquei-lhe a excelente formação intelectual e espiritual do clero ambrosiano. Após doze anos no seminário, nossos padres, antes de serem colocados à frente de qualquer paróquia, passam outros quinze anos servindo como auxiliares paroquiais, e só então se apresentam para os concursos regulares de paróquias. Líderes não são improvisados, nem as comunidades são confiadas a mãos inexperientes. Observei que o Duce estava profundamente interessado no assunto e me perguntou de onde se originava essa boa disciplina do clero lombardo. Então expliquei a obra reformadora de São Carlos, cujo espírito ainda hoje influencia tão profundamente a hierarquia e os fiéis que, para o bem ou para o mal, todos sentem o dever de segui-lo e imitá-lo.

Mussolini então me perguntou se o rito ambrosiano, pelo menos em seus dogmas essenciais, estava de acordo com o da Igreja Romana. Com esta nova pergunta, senti uma sensação de espanto, percebendo a escassa cultura religiosa de um homem que tinha mantido em suas mãos o destino da Itália Católica. Respondi que não se tratava de dogmas teológicos, que constituem o patrimônio comum da Igreja Católica, mas apenas de formas de oração e cerimônias diferentes daquelas do rito romano. Este antigo rito ambrosiano, no entanto, exerce grande influência educativa sobre os fiéis e contribui não pouco para a unidade do clero ambrosiano, que forma uma única família de trabalhadores diligentes sob o Arcebispo, que é considerado o primeiro trabalhador da Arquidiocese.

Mussolini sorriu, dizendo que estava bem ciente da posição eclesiástica do Cardeal de Milão.

Do rito ambrosiano, passamos então a uma discussão sobre o Leste Eslavo, e o Duce pediu-me algumas explicações sobre os ortodoxos russos. Respondi que Jesus Cristo fundou Sua única Igreja sobre a rocha de São Pedro, a quem confiou as chaves do reino celestial. Fora desta rocha, pode-se de fato construir instituições estatais tão esplêndidas quanto se queira, mas elas nunca serão a verdadeira Igreja de Cristo e, portanto, estarão sujeitas às condições e vicissitudes inevitáveis de todas as instituições humanas.

Neste ponto, Mussolini mencionou a disposição desfavorável do Patriarcado de Moscou em relação ao Vaticano. Respondi que a separação das Igrejas Orientais de Roma representava uma verdadeira revolução dogmática contra as mais sagradas e antigas tradições de seus santos Padres e dos veneráveis concílios do primitivo Oriente Cristão. Seus Padres outrora aclamaram Roma como o baluarte divino da Fé Ortodoxa.

✠✠✠

Da Rússia, a conversa passou para a Frente Ocidental e para a Inglaterra, cujo gênio e habilidade Mussolini primeiro elogiou *sine ira et*

studio. "Imagine," ele me disse, *"diante de quinze milhões de soldados alemães mortos em batalha, e de muitos milhões de russos sacrificados em combate, a Inglaterra perdeu apenas 260.000 ingleses e cerca de 300.000 soldados de seus vastos domínios! A Inglaterra conhece bem os segredos do comércio: ela poupou seus homens."*

Explicando seu pensamento sobre a política inglesa mais detalhadamente, Mussolini recordou uma antiga definição: *"A Inglaterra é como um navio ancorado na Grã-Bretanha, mas sempre pronto a zarpar para o vasto oceano."*

Após a presente guerra, o Duce acreditava que por muitos anos o fenômeno do militarismo não se renovaria, pois a Alemanha não estava mais em condições de travar uma guerra.

Então contei-lhe sobre uma conversa que havia tido com Pio XI cerca de dez anos antes. Enquanto eu expressava ao Papa meus temores de um novo conflito europeu, ele respondeu, lembrando-me do ditado de Napoleão: *"Para fazer a guerra, precisa-se sobretudo de dinheiro."*

"Ora," concluiu o Papa, *"a Itália não tem dinheiro, e portanto Mussolini nunca fará guerra."*

"Infelizmente, ele não foi um profeta," respondeu o Duce. *"A guerra pode de fato ser travada sem dinheiro, mas nunca sem homens e sem matérias-primas. No momento, a Alemanha, através da conquista dos Aliados, não possui nem uma coisa nem outra; assim, por muitos anos, ela é incapaz de renovar uma guerra."*

Então mencionei a Rússia, que agora havia penetrado no coração da Europa.

"Infelizmente," ele acrescentou, *"a Inglaterra se afastou de sua política tradicional, permitindo que a Rússia obtivesse predomínio mesmo no Ocidente. Esse é o novo, real e grande perigo."*

Entretanto, fui informado pelo meu secretário que o General Cadorna e o Senhor Marazza haviam chegado. Então concluí minha conversa com o

Duce, lembrando-lhe que um dia a história registraria que ele, para salvar o Norte da Itália, havia tomado pessoalmente o caminho de Santa Helena, poupando a Lombardia da ruína. Exortei-o, no entanto, a depositar sua confiança em Deus, que é um bom Pai para todos.

Mussolini respondeu: *"História? O senhor me fala de história. Eu só acredito na história antiga, aquela que é escrita sem paixão, e muito tempo depois. Não acredito em livros nem na imprensa diária."*

Concordei, observando que é de fato difícil julgar os contemporâneos com serenidade imparcial.

Recordei, portanto, São Jerônimo, que, em seu livro Os Escritores Eclesiásticos, ao falar de Santo Ambrósio, recusou-se a emitir um juízo sobre suas obras literárias, para que não fosse atribuído ou a ciúme ou a lisonja.

A entrada dos representantes das duas partes opostas interrompeu nossa conversa íntima.

Mussolini colocou cuidadosamente minha História de São Bento em um envelope e a posicionou diante de si sobre a mesa.

A discussão política então começou, a qual outros já relataram, pelo menos em seus traços gerais.

✠✠✠

Fiz como se fosse me retirar, não desejando tomar parte em tais reuniões políticas. O Duce, no entanto, instou-me a permanecer, e foi o melhor; caso contrário, havia um grande perigo de que o encontro pudesse terminar com tiros de revólver ali mesmo nos salões do Palácio do Arcebispo.

Permaneci sentado no sofá central, à direita de Mussolini, mas limitei-me a ouvir e a manter-me em silêncio, desejando ficar completamente à parte de disputas políticas.

A princípio, os dois lados mantinham-se rigidamente opostos um ao outro. O Duce perguntou a Cadorna quais eram suas exigências, mas Cadorna devolveu a pergunta, observando que fora ele quem havia sido convocado.

A discussão então se tornou mais animada, e o Comitê de Liberação Nacional, ao mesmo tempo que exigia do Duce uma rendição incondicional e sem qualificações, comprometeu-se a observar as seguintes condições solicitadas por Mussolini:

1. O exército e as milícias fascistas, incluindo a Xª MAS, as Esquadras Muti e outras, ao renderem suas armas, seriam feitos prisioneiros com as honras militares correspondentes, de acordo com as convenções internacionais de Haia. Os generais e oficiais não seriam desarmados pessoalmente.
2. As famílias dos fascistas, como tais, não seriam submetidas a qualquer perseguição.
3. O corpo diplomático seria tratado de acordo com o direito internacional.

Essas condições pareceram satisfazer o Duce, que via seus pedidos aceitos com cavalheiresca generosidade.

Nesse ponto, porém, o General Graziani levantou-se e disse a seu chefe que não era permitido entrar em qualquer capitulação independentemente dos alemães, para não repetir a traição de 8 de setembro.

Foi um momento de surpresa! Toda a longa discussão subitamente tornou-se inútil.

Foi então observado por vários dos presentes que as autoridades alemãs, através da mediação do Arcebispo de Milão, já haviam concluído com sucesso as negociações para a capitulação. O Professor Dr. D. Bicchierai, na antessala do Arcebispo, havia lhes revelado o segredo como um assunto já resolvido, para o qual apenas as assinaturas ainda eram aguardadas.

Eu, que até então havia permanecido em silêncio, senti uma sensação de constrangimento.

Uma vez que eu havia sido mencionado, e sendo incapaz de negar o relato, mas ansioso acima de tudo para salvar a Pátria — que a objeção levantada pelo General Graziani ainda colocava em grave perigo — declarei antes de tudo que eu deplorava a indiscrição. No entanto, como agora era inútil e prejudicial continuar mantendo aquele segredo de guerra, admiti que o General Wolff estava em negociação comigo através do Cônsul Geral alemão e do Coronel Rauff.

Nesse ponto, o Padre Bicchierai foi trazido, e ele afirmou explicitamente: *"Sim, os alemães confirmaram sua aceitação da rendição, mas ainda não assinaram, prometendo completar a assinatura dentro de 24 horas."* Ao meio-dia daquele mesmo dia, as tropas alemãs em Milão haviam deposto suas armas nas mãos do Arcebispo, confinando-se dentro de seus quartéis. A rendição, como o General Wolff havia declarado, estava sendo feita nas mãos do Cardeal de Milão, porque sua honra militar os impedia de reconhecer o General Cadorna e as outras autoridades.

Mussolini então explodiu indignado: *"Eles sempre nos trataram como servos, e no final me traíram!"*

Essa declaração tardia me lembrou de outra observação que Mussolini certa vez me havia feito sobre o Führer.

Fazia cerca de uma dúzia de anos, e eu conversava com o Chefe do Governo na sacristia da Catedral de Milão.

Entre outras coisas, levei à sua atenção a situação da Igreja Católica na Alemanha, pedindo-lhe que usasse sua influência pessoal sobre Hitler para pôr fim a essa perseguição.

Mussolini respondeu-me: *"Lamento, mas sobre esse assunto não posso fazer absolutamente nada. Na cabeça de Hitler há três pregos cravados: o antissemitismo, o nazismo e o ódio ao catolicismo."*

✠✠✠

O CONSULADO GERAL DA ALEMANHA EM MILÃO DO PLENIPOTENCIÁRIO DO REICH NA ITÁLIA

Milão, 10 de maio de 1945

Vossa Eminência,

Dirijo-me a Vossa Eminência neste momento trágico para minha pátria, na minha qualidade de Cônsul da Alemanha — agora derrotada e privada de seus direitos — para invocar, em nome da Caridade Cristã, a proteção da Igreja para os meus compatriotas, que agora se encontram sem defesa em seu infortúnio e à mercê de todo tipo de arbitrariedade.

Tiro a coragem para fazê-lo do fato, conhecido por Vossa Eminência, de que durante meu serviço em Milão, que durou cinco meses, assim como durante os quase quatro anos que passei em Florença — particularmente a partir de setembro de 1943 em diante — eu sempre fiz tudo dentro de minhas limitadas forças, apesar das grandes dificuldades e perigos que Vossa Eminência conhece, para servir à Justiça: para assegurar a libertação de prisioneiros inocentes, para impedir derramamento de sangue, para deter a deportação forçada de trabalhadores italianos, para melhorar o tratamento dos internados e trabalhadores italianos e obter a repatriação dos doentes entre eles, para proteger as obras de arte italianas e para garantir o abastecimento da população.

Sou da opinião de que toda injustiça ou crime cometido deve ser julgado e punido de acordo com a lei. No entanto, se, após os terríveis eventos dos últimos seis anos de guerra, a Esperança, a Fé e a Caridade — aqueles três pontos cardeais da religião cristã — devem começar a arder novamente nos corações dos homens europeus, então os atos de ódio e vingança, que acompanham toda revolução e tantas vezes atingem vítimas inocentes, devem chegar logo ao fim. Assim, a grande Palavra de Jesus Cristo — “Ama o teu próximo como a ti mesmo” — que contém a essência de todo o cristianismo, deve mais uma vez se tornar o lema da humanidade sofredora.

Desde que realizei minha atividade diplomática junto à Santa Sé durante o último Ano Santo, tenho observado cada vez mais a influência educativa da Igreja Católica sobre as almas. E estou firmemente convencido de que, neste momento de caos e desespero que atingiu tantos jovens alemães, os corações estão agora abertos à Palavra consoladora e curativa da Igreja. As palavras Paz e Justiça, pronunciadas pela Igreja Católica com força e santa paixão, neste momento que não voltará a se repetir, chegarão aos ouvidos do mundo inteiro.

Confiante de que Vossa Eminência compartilhará este pensamento e fará todos os esforços para realizá-lo através do respeito e da autoridade moral de que goza a Igreja Católica, tenho a honra de permanecer

O mais dedicado servo de Vossa Eminência.

✠✠✠

Uma declaração tão franca me deixou pasmo, fazendo-me perceber o quão pouco os dois futuros campeões do Eixo realmente se estimavam.

(“No final, eles me traíram!”) replicou o Duce com força. *“A partir deste exato momento, declaro que estou retomando minha liberdade de ação em relação à Alemanha. Voltarei agora à Prefeitura e, por telefone, farei um anúncio oficial disso ao Cônsul Geral alemão.”*

Para evitar um incidente diplomático que poderia ter levado os alemães a negar as negociações — já à beira de serem assinadas — e talvez tê-los levado a uma defesa desesperada de suas posições na Lombardia, apontei ao Duce que não se deveria provocar os alemães em um ponto de honra. Além disso, o documento de rendição ainda não havia sido assinado; ele não podia, naquele estágio, reprová-los com um ato formal de traição.

“Não faz diferença,” replicou Mussolini. *“Ter iniciado negociações sem meu conhecimento já constitui uma traição.”*

O General Graziani então tentou acalmar o Duce, e a discussão foi retomada sobre as condições de rendição. Até o Marechal da Itália retirou sua objeção anterior.

Finalmente o Duce pediu ao Comitê uma hora para deliberar, e isso lhe foi concedido. Então Mussolini saiu da sala, seguido por seu comitiva. Ele segurava em sua mão minha História de São Bento.

Acompanhei-o até a antessala do apartamento do Cardeal. Ele retribuiu minha saudação, mas sem qualquer interesse especial. Estava demasiado preocupado com os eventos que se desenrolavam.

Enquanto ele descia a escada, detive o General Graziani por um momento e exortei-o a impedir que Mussolini fizesse alguma coisa precipitada que pudesse mais uma vez expor a Lombardia a se tornar alvo da ira alemã. O Marechal da Itália prometeu-me que faria tudo possível para garantir que a rendição ocorresse pacificamente e de acordo com os termos do acordo. Eu já havia instruído anteriormente meus secretários para prepararem um quarto naquela noite no Palácio do Arcebispo para

Mussolini, que eu supunha permaneceria ali como prisioneiro de guerra sob as garantias internacionais habituais sancionadas em Haia.

Após a partida do General Graziani, voltei à sala de audiências, onde os representantes dos vários partidos e os outros membros do Comitê de Ação ainda estavam em discussão. Despedi-me deles, pretendendo retirar-me cortesmente, mas pediram que eu permanecesse. Consenti, embora com relutância. Minha missão estava então concluída.

Após uma hora e um quarto, insistiram por telefone que Mussolini desse sua resposta, ou que voltasse ao Palácio do Arcebispo para o ato de rendição.

Para nossa grande surpresa, disseram-nos da Prefeitura que o Duce já havia deixado Milão e até mesmo ordenado que uma resposta negativa fosse dada em seu nome!

Os jornais do dia seguinte descreveram então em detalhes os eventos finais de sua triste odisseia.

Se ele tivesse ouvido meu conselho, em vez daquele de seus assessores mais próximos, junto com Milão e a Lombardia — que a capitulação teria poupado da guerra de guerrilha daqueles últimos dias — ele teria acima de tudo se poupado a si mesmo e a seus hierarcas.

A história da libertação do Norte da Itália da ocupação alemã talvez tivesse assumido um caráter totalmente diferente, e na mesa da paz futura poderíamos ter francamente jogado esta carta: *O povo lombardo, com a ajuda de Deus, não esperou os Aliados, mas se libertou sozinho. Portanto, não deve ser contado entre os conquistados e os vencidos, mas entre os vencedores.*